

UMA HISTÓRIA SOCIAL COMPARADA DO TRABALHO EM FRIGORÍFICOS: ESTADOS UNIDOS E BRASIL (1880-1970)

Antônio de Pádua Bosi¹

RESUMO: Este artigo discute comparativamente o trabalho em frigoríficos nos EUA e no Brasil, dois dos maiores produtores de carne do planeta. Argumento que a indústria da carne frigorificada (ou congelada) constituiu-se como um poderoso oligopólio no século XX e obteve seu sucesso a partir, principalmente, da exploração de trabalho abundante e barato. A comparação proposta coloca em perspectiva um período histórico iniciado no final do século XIX, marco inaugural da organização do trabalho em frigoríficos baseados em linha industrial de desmontagem, e vai até os anos 1970, quando uma profunda reestruturação na organização do trabalho provocou um rápido declínio dos salários e das condições de trabalho, demarcando o predomínio do processamento da carne de frango sobre a de porco e de boi.

PALAVRAS-CHAVE: Frigoríficos. Matadouros. Açougueiros.

ABSTRACT: This article comparatively discusses the work in slaughterhouses in the U.S. and Brazil, both the largest makers of beef in the world. It is advocated that the beef was established as a powerful oligopoly in the twentieth century and got its success, mainly, from the exploitation of abundant and cheap labor. That comparison gets along a historical of ninety years (late nineteenth century to 1970s). In the XIXth century, slaughterhouse opens the disassembly line to beef, working based on industrial

¹ Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Este artigo expõe resultados de pesquisa financiada pelo CNPq por meio de bolsa e recursos financeiros e materiais. Agradeço aos pareceristas pelas leituras atentas e comentários pertinentes.

refrigerators. That disassembly has been improved and it promoted a rapid decline in the wages and working conditions, marking the predominance of the processing poultry on the pork and beef.

KEYWORDS: Slaughterhouses. Abattoir. Butchers.

1. Introdução

Este texto expõe resultados parciais de pesquisa sobre o trabalho na agroindústria da carne. Como Estados Unidos e Brasil são atualmente dois dos maiores produtores de carne do planeta, pareceu relevante esboçar uma história social comparada sobre o trabalho em frigoríficos cujo alcance pudesse abordar a realidade dos trabalhadores que sustentaram essa agroindústria.

Nessa direção, antecipo o argumento que escora este artigo. A indústria da carne frigorificada (ou congelada) constituiu-se como um poderoso oligopólio no século XX e obteve seu sucesso por meio, principalmente, da exploração de trabalho abundante e barato.

A comparação proposta coloca em perspectiva um período histórico iniciado no final do século XIX, marco inaugural da organização do trabalho em frigoríficos baseados em linha industrial de desmontagem, e vai até os anos 1970, quando uma profunda reestruturação na organização do trabalho provocou um rápido declínio dos salários e das condições de trabalho, demarcando o predomínio do processamento da carne de frango sobre a de porco e de boi. Nesse recorte de 90 anos, tento identificar e apontar questões sobre a constituição do capital no setor, a organização dos processos de produção e de trabalho. Em síntese, procuro identificar e examinar aproximações e distanciamentos entre as experiências de trabalho vividas nos matadouros em ambos os países.

2. Trabalhadores e regimes de trabalho em frigoríficos nos Estados Unidos e no Brasil (1880-1960)

A indústria da carne surgiu em meados do século XIX, nos Estados Unidos, a partir de uma combinação entre trabalho barato, matéria-prima abundante (rebanhos) e uma rede de transporte que possibilitou a venda de enlatados e congelados em regiões distantes de onde a mercadoria era fabricada (como o Oeste, cujos colonizadores criaram uma demanda por carne que impulsionou os frigoríficos). Esse esquema criou um mercado interno para a carne e derivados e provocou a falência dos pequenos matadouros espalhados pelo país.²

O trabalho artesanal dos açougueiros forneceu a base técnica para a estruturação dos frigoríficos. Phillip Armour e Gustavus Swift, respectivamente fundadores da *Armour* e da *Swift*, foram açougueiros de ofício. Instalados em Chicago na década de 1860, fizeram fortuna despachando carne acondicionada em barris de salmoura para regiões distantes nos EUA, particularmente o Oeste, que era o alvo de milhares de famílias de colonos. Na década de 1870, o desenvolvimento do transporte refrigerado possibilitou o envio de carne para regiões ainda mais distantes. Bois e porcos eram abatidos em toneladas, retalhados, empacotados, congelados, transportados e vendidos.

Entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, *Swift*, *Armour*, *Morris*, *Cudahy* e *Wilson*, conhecidas como *Big Five*, tornaram-se as principais empresas que dominaram o mercado até a década de 1950. Juntas, elas comandavam uma produção oligopolizada responsável pelo abate de 80% de todos os porcos e 90% de todos os bois negociados nos principais centros produtores dos Estados Unidos.³ A consolidação desta

² PACYGA, Dominic A. Chicago: Slaughterhouse to the world. In: LEE, Paula Y. (Org.). *Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse*. Durham, New Hampshire: University of New Hampshire Press, 2008, p.153-166.

³ HOROWITZ, Roger. *Negro and White Unite and Fight! A Social History of Industrial Unionism in Meatpacking, 1930-1990*. Urbana: University of Illinois Press, 1997, p.13.

indústria fez-se em contraposição ao modelo artesanal e público existente na maioria dos países da Europa, onde prevaleceu, até o início do século XX, a produção de carne nos matadouros municipais (iniciada em fins do século XIX) e a venda por meio de uma rede de varejo dominada por açougueiros.⁴

No que diz respeito ao trabalho nos frigoríficos, os trabalhadores geralmente julgavam-no degradado e desprotegido. Em regra, os frigoríficos ocupavam trabalhadores sem ou com pouca qualificação. A mais conhecida descrição dos frigoríficos de Chicago deve-se ao escritor socialista Upton Sinclair e foi feita no começo do século XX, acentuando tais características:

Havia quinze ou vinte bois nos currais e era uma questão de um par de minutos para golpeá-los e rolá-los para fora. Então uma vez mais os portões eram abertos e outro lote era introduzido apressadamente. [...] A maneira com que os trabalhadores faziam isto era alguma coisa que se via e nunca mais se esquecia. Eles trabalhavam com intensidade furiosa, literalmente correndo – numa passada que não havia nenhuma comparação, exceto com uma partida de futebol. O trabalho era altamente especializado, cada homem tinha sua tarefa para fazer; geralmente isto consistia em dois ou três cortes específicos que ele fazia em quinze ou vinte carcaças de bois, numa linha. Primeiro vinha o “açougueiro”, para sangrá-los; ele desferia um rápido golpe, tão rápido que você não conseguia vê-lo – somente o lampejo da faca; e antes que você pudesse perceber aquilo, o homem já tinha disparado para o próximo da linha, e uma torrente de sangue vivo escorria pelo chão. Este chão estava coberto com 1,5 centímetros de sangue, a despeito dos melhores esforços dos homens que tentavam removê-lo com pás.⁵

Pode-se dizer que o impacto dos escritos de Sinclair reunidos

⁴ LEE, Paula Y. (Org.). *Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse*. Durham, New Hampshire: University of New Hampshire Press, 2008, p.153-166.

⁵ SINCLAIR, Upton. *The Jungle*. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965, p. 48.

no livro *The Jungle*, publicado em 1906, levou o governo de Theodore Roosevelt a estabelecer uma comissão para investigar a situação dos trabalhadores nos frigoríficos e os padrões de higiene que horrorizaram os leitores.⁶ Este fato, acrescido às lutas dos trabalhadores, fez com que os grandes matadouros vissem-se obrigados a reorganizar a linha de desmontagem, desacelerando o ritmo do trabalho e melhorando a remuneração. Além disso, reservar esse tipo de trabalho basicamente a negros e imigrantes marginalizados terminou por reuni-los em comunidades sem separação étnica, ao contrário do que era regra naquele país. As experiências comuns de sujeição e pobreza possibilitaram-lhes uma articulação como sujeitos coletivos à medida que estruturaram instituições (igrejas, sindicatos e associações culturais) onde puderam se reconhecer e se valorizar como classe, embora esse processo tenha demorado pelo menos duas décadas.⁷ De modo geral, sua condição social e econômica melhorou devido ao contexto da Segunda Guerra, quando a indústria da carne norte-americana foi estimulada a atender a demanda europeia.

Mas antes disso, a situação nos matadouros de Chicago coincidia rigorosamente com a observação feita por Upton Sinclair no começo do século passado. Ele registrou, nas páginas iniciais de seu livro, um rápido e emblemático diálogo entre um feitor (responsável também pela contratação de trabalhadores) e um jovem lituano, Jurgis, recém-chegado aos Estados Unidos em busca de qualquer tipo de emprego. Em frente ao matadouro, Jurgis é interpelado pelo feitor:

⁶ KOLKO, Gabriel. Meat Inspection. Theory and Reality. In: *The Triumph of Conservatism: A Re-interpretation of American History, 1900-1916*. New York: The Free Press, 1963, p. 98-112. Disponível em: <<http://us.history.wisc.edu/hist102/readings/>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

⁷ HALPERN, Rick; HOROWITZ, Roger. *Meatpackers: an Oral History of Black Packerhouse Workers and Their Struggle for Racial and Economic Equality*. New York: Monthly Review Press, 1999.

- Fala inglês?
 - Não. Lituano. (Jurgis tinha estudado esta palavra cuidadosamente).
 - Emprego?
 - “Si”. (Jurgis acena positivamente).
 - Trabalhou aqui antes?
 - Não *tendo*.
- [O feitor repete a pergunta por meio de gestos e Jurgis agita vigorosamente a cabeça respondendo que não entende. Em seguida o feitor pergunta se ele teria coragem para trabalhar no frigorífico, mas Jurgis também não compreende. O feitor insiste, dizendo três palavras em lituano, e finalmente Jurgis responde que sim.]
- Vê a porta? [e repete a palavra porta em lituano, apontando para o portão de entrada do matadouro].
 - “Si”.
 - A-ma-nhã, sete horas. Entendeu? [e repete as palavras em lituano].
 - Obrigado senhor! [Jurgis responde ao feitor].⁸

É possível analisar o diálogo construído por Sinclair como um drama vivido por grande parte dos trabalhadores imigrantes. A família de Jurgis havia emigrado da Lituânia, então parte do Império Czarista, porque, igualmente a muitas outras famílias, fora expropriada em seus direitos de posse da terra no período após a Reforma de 1861. Naquele contexto, a América aparecia como o lugar ideal para gente que partilhava a mesma condição de Jurgis, pessoas despossuídas e empobrecidas, mergulhadas na miséria e no desespero. Foi lá que Jurgis encontrou um emprego. Por pior que fosse, o trabalho sujo no matadouro significava um respiro em meio àquela trajetória de perdas e de desenraizamento forçado. Representava, também, uma nova posição a ser defendida, inclusive contra o movimento sindical e os socialistas cujas agitações políticas, não raras vezes, pareciam uma ameaça a trabalhadores como Jurgis, que se sentiam desamparados e ávidos por algum tipo de ordem social que lhes estabilizasse a vida.

⁸ SINCLAIR, 1965, p. 39-40.

Naquelas condições, muitos trabalhadores como Jurgis tendiam a se mostrar politicamente conservadores, reprimindo impulsos rebeldes e subordinando-se ao controle dos feitores como o que o contratou. Também não havia razão visível para que eles se percebessem como uma classe, já que, nos primeiros anos após sua chegada, as diferenças entre as línguas, religiões, costumes, nacionalidades e etnias os distanciavam uns dos outros. Isso era agravado premeditadamente pelos feitores que os separavam por etnia ou nacionalidade para evitar misturas perigosas que diluíssem as diferenças já mencionadas. Ajuda a esclarecer esse argumento o fato de que 2/3 daquela força de trabalho eram de estrangeiros. Além de nativos brancos e negros, a presença mais significativa era de boêmios, alemães, irlandeses, lituanos, mexicanos, poloneses, russos, austríacos, eslovenos e tchecos, principalmente.⁹ Assim, um dos principais mecanismos de dominação sobre a força de trabalho residia em manter os trabalhadores isolados em seus antagonismos culturais e chantageá-los com a perda do emprego.

Esse drama social foi também o combustível que alimentou os matadouros de Chicago. A geração de trabalhadores anterior a Jurgis havia construído bloqueios ao avanço da exploração de seu trabalho, a exemplo da greve de 1886 que pautou a limitação da jornada em 8 horas e paralisou 40 mil trabalhadores somente em Chicago, com razoável adesão de empregados dos matadouros.¹⁰ Aquela demonstração de força pareceu ter sido bastante para que os donos de matadouros repensassem as relações de trabalho e progressivamente substituíssem açougueiros e trabalhadores qualificados por uma mão de obra com pouca qualificação, incluídas as mulheres que predominariam no setor de enlatados.

Comparativamente aos Estados Unidos, no Brasil, o processamento industrial da carne em escala foi um evento do começo do século XX. Antes disso, como explica Caio Prado,

⁹ BARRETT, James R. *Work and Community in the Jungle: Chicago's Packinghouse Workers, 1894-1922*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1990, p. 39.

¹⁰ PACYGA, 2008, p.153-166.

a carne (especialmente a bovina) teve papel importante na alimentação da colônia, mas não se tornou uma mercadoria produzida em escala. Os números de bois que abasteciam os centros urbanos na primeira metade do século XIX eram avultosos, todavia bem menos vigorosos que nos Estados Unidos. Mais de 20 mil bois consumidos anualmente só na cidade da Bahia, 6 mil abatidos por ano em São Luis do Maranhão e, em Belém do Pará, com apenas 13 mil habitantes em 1828, o consumo foi de 11 mil cabeças.¹¹ Anteriormente a Caio Prado, Capistrano de Abreu registrara que o gado valia mais pelo couro. Servia para a fabricação das portas das cabanas, camas, alforjes, cordas, correias, bainhas, bornais, roupas etc.¹²

Nesse caso, o protagonista foi o vaqueiro, cujo trabalho difícil ganhou contornos de heroísmo na historiografia e na literatura. Capistrano depositou unicamente no vaqueiro o sucesso da pecuária. Depois de o gado acostumado ao novo pasto, caberia ao vaqueiro amansar e ferrar os bezerros, curar as bicheiras, queimar os campos, extinguir onças, cobras e morcegos, abrir cacimbas e bebedouros, cuidar dos partos, marcar as vacas, enfim, um trabalho que lhe tomava o dia e muitas vezes as noites. Mais tarde, o vaqueiro se responsabilizaria também pelo transporte da boiada para novos proprietários ou até os matadouros.¹³ Clássicos da literatura, como *Os Sertões*, *Grandes Sertões: Veredas* e *O Sertanejo* imortalizaram a presença do vaqueiro, tenderam a converter seu trabalho em façanha e apresentá-lo com uma personalidade tão complexa quanto o sertão onde vivia. Comparada à literatura que abordou o trabalho nos frigoríficos nos Estados Unidos, como *The Jungle* (de Upton Sinclair), *Santa Joana dos Matadouros*, de Bertolt Brecht, e *Cannery Row*, de John Steinbeck (publicado em português como *A Rua das Ilusões Perdidas*), no Brasil, foi o vaqueiro e não o açougueiro a reter o

¹¹ PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense: Publifolha, 2000, p.189.

¹² ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000, p.153.

¹³ ABREU, 2000, p.154-155.

interesse dos romancistas. De fato, os frigoríficos instalados no país no começo do século XX não eram em número suficiente para entrarem no campo de visão da literatura nacional.

Algo parecido com uma indústria de processamento de carne em escala desenvolveu-se timidamente no Rio Grande do Sul durante o século XIX, denominada charqueada, que produzia carne seca e salgada, além de couro para exportação. A mão de obra escrava ocupada nas estâncias movimentava essa economia que Sandra Pesavento considerou anterior às “origens da indústria” no Rio Grande.¹⁴ Contudo, entre as charqueadas ambientadas no século XIX e os primeiros frigoríficos da primeira metade do século XX, o trabalho mais característico associado ao abate e retalhamento da carne permaneceu sob o domínio de açougueiros, donos de seus meios de produção e responsáveis diretos pelas vendas da carne.

No Brasil, como em boa parte da Europa, os matadouros foram obra do Estado e surgiram em função de preocupações sanitárias e higienistas. A maioria das grandes cidades criou seu matadouro municipal para eliminar o trânsito de animais, o mau cheiro, o sangue e o barulho, além de tornar clandestino todo abate fora de seus domínios. A inauguração de um dos primeiros matadouros no Brasil, no Rio de Janeiro, em 1881, contou com a presença de D. Pedro II, que assistiu ao trabalho dos açougueiros, assim descrito pelo *Jornal do Commercio*:

Os magarefes [açougueiros] armados de um estilete com cabo á proporção que ião sendo introduzidas as rezes pela mangueira que se bifurca para um e outro lado, collocados de cima da muralha vão ferindo no nó vital as rezes alli encurraladas, mas nem sempre estes golpes são certos a ponto de ser preciso repetir duas e mais vezes semelhante operação. Cahem então uma por uma as rezes sobre uma carreta que rolando sobre um trilho é puchada para o grande saguão com rampas lateraes de pedra em declive. Alli estendidas

¹⁴ PESAVENTO, Sandra J. *História da Indústria Sul-rio-grandense*. Guaíba: Riocell, 1985, p. 20-23.

as rezes neste declive são sangradas, imediatamente suspensas aos guindastes, onde os magarefes as esfolião e esquartejão, conduzindo-as em quartos para o tendal.¹⁵

Assim, pretendia-se que a carne fosse abatida nesses matadouros e distribuída pelos açougues. O abate e o esquartejamento no matadouro não evitavam o trabalho dos açougueiros quando do preparo da carne para a venda. Nos açougues, trabalhavam o dono e alguns auxiliares, na condição de jornaleiros ou de aprendizes. Desossavam, realizavam os cortes que definiam a qualidade da carne e vendiam de acordo com o pedido e o peso. Do animal, aproveitava-se tudo: toucinho, banha, as partes menos nobres preenchiam os embutidos, e com os sebos e restos fazia-se sabão. O açougueiro era dono do próprio negócio e quase sempre levava uma vida confortável, com prestígio na comunidade e recursos financeiros para adquirir uma pequena fazenda ou chácara, onde providenciava seu próprio rebanho.

Em alguma medida, essa equação funcionava para os consumidores que moravam nas cidades. Entretanto, como 80% da população do país residia no campo, o acesso à carne era uma tarefa doméstica. Carnear um porco ou um boi integrava o modo de viver rural e envolvia o trabalho de toda a família e agregados. Homens abatiam e retalhavam, as mulheres condimentavam e preparavam os embutidos, e até as crianças ajudavam em tarefas menos pesadas (como encher linguças). Enfim, não havia no país um mercado interno de consumo de carne semelhante ao norte-americano.

De fato, em relação aos Estados Unidos, a indústria da carne no Brasil demorou a se aprumar, e quando o fez, tornou-se uma extensão do oligopólio estadunidense. A *Armour*, o primeiro matadouro a construir a câmara frigorífica no final da década de 1870, expandiu seus domínios para o sul do continente por meio da compra de charqueadas e matadouros na região do Prata.

¹⁵ DIAS, Juliana V.G. *O rigor da morte: a construção simbólica do "Animal de Açogue"* na produção industrial brasileira. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Estadual de Campinas, 2009, p. 6.

Sandra Pesavento registrou o avanço e o interesse das *Big Five* naquela região que incorporava o cone sul a seus negócios:

Quando se abasteceu o mercado americano e começaram a escassear as reservas de gado *yankee*, surgiu a oportunidade de suprir o mercado europeu. Para tanto, partiu a *Armour* em busca de expansão para as zonas criadoras de gado onde melhor pudesse aplicar seus capitais. Na região do Prata, a *Armour* estabeleceu subsidiárias na Argentina e no Uruguai. Em 1917, penetrava no Rio Grande do Sul [com a compra da Charqueada Santana]. [...] Durante os anos de 1918 e 1919, fabricou carne conservada, passando, em janeiro de 1920, a exportar carne congelada.¹⁶

A escolha pelo Brasil considerou os estados de Santa Catarina e Paraná, que ofereciam 14 anos de isenção de impostos sobre os produtos exportados, mas a decisão pelo Rio Grande do Sul deu-se devido ao decreto estadual que estabeleceu a mesma isenção por um prazo de 30 anos.¹⁷ As charqueadas serviram como plataforma para a instalação de frigoríficos. Em menos de uma década, os frigoríficos já controlavam a aquisição da matéria-prima, pagando preço maior pelo gado e reanimando o setor pecuarista do estado que dobrou seu rebanho entre 1909 e 1918 (de 10 milhões de cabeças para 19 milhões). A participação do estado na exportação nacional de carne congelada saltou de 13,6% (7 mil toneladas) para 52,5% (32 mil toneladas), de 1919 a 1921.

Foi durante a primeira metade do século XX que o extremo sul do Brasil viu crescerem os investimentos da *Armour* e *Swift*. Houve, ainda, a presença do frigorífico *Anglo*, empresa de capital inglês, que “passaria a dividir o controle da indústria de carnes no país com os três gigantes do oligopólio norte-americano do ramo: *Armour*, *Swift*

¹⁶ PESAVENTO, Sandra J. *República Velha gaúcha*: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento, 1980. p.131.

¹⁷ ALBORNOZ, Vera P.L. *Armour*: uma aposta no pampa. Santana do Livramento: Ghaf Designer, 2000. p. 97.

e *Wilson*¹⁸. Tais empresas enviavam charque, enlatados e carne congelada do Rio Grande Sul para a Europa e os Estados Unidos, principalmente enquanto durou a 2ª Guerra. Apenas a *Swift* no Brasil exportou mais de 9 toneladas de carne processada no ano de 1939.¹⁹

Nessa rápida escalada, demonstrando superioridade tecnológica e financeira, os frigoríficos vindos de Chicago suplantaram as charqueadas, oferecendo melhor pagamento pelos rebanhos e arregimentando trabalhadores com o apelo de melhor remuneração e emprego durante todo o ano.²⁰ Exemplificando com o caso da cidade de Pelotas/RS, escolhida pelo *Anglo* que lá se instalou nos anos 1920, Neuza Janke da Silva ressalta que “o que atraía a companhia [naquela] cidade era o enorme suprimento de carne disponível e a mão de obra oriunda das charqueadas”.²¹ Cabe destacar, ainda, o aumento do consumo de carne durante as duas guerras mundiais, que serviu de alavanca para os frigoríficos, uma vez que a necessidade de alimentar as tropas em combate elevou as exportações tanto nos Estados Unidos quanto no cone sul.²²

Em resumo, diferentemente dos EUA, no Brasil (e no restante do cone sul), os frigoríficos surgiram interiorizados, próximos aos rebanhos. De resto, tiveram à disposição numerosa força de trabalho com alguma disciplina fabril devido às experiências de trabalho nas charqueadas. Essa logística obviamente barateou os custos de produção relativamente às matrizes das *Big Five*, em especial no que se refere à força de trabalho.

¹⁸ SUZIGAN, W.; SZMRECSÁNYI, T. Os investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil. In: SILVA, S.; SZMRECSÁNYI, T. (Org.). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hicitec/Edusp, 2002. p. 267-269.

¹⁹ BEZZI, M. L.; RODRIGUES, A. L. O processo de reorganização do espaço agrário em Rosário do Sul/ RS/ 1940 - 2000. In: *Sociedade e Natureza*. Universidade Federal de Uberlândia. 17 (32): 5-13. Jun/2005.

²⁰ PESAVENTO, 1980, p. 149.

²¹ SILVA, Neuza R. J. *Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário?* O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970. 156 f. Dissertação (Dissertação em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999, p. 54.

²² ALBORNOZ, 2000.

Tal oferta de emprego do capital estrangeiro mobilizou o interesse dos trabalhadores em alguma medida, e os números das plantas recém instaladas indicam isto. A *Armour*, montada na antiga charqueada de Santana do Livramento/RS a partir de 1918, empregava 1.380 trabalhadores no abate de 5 mil bois por mês. A *Swift*, organizada na cidade do Rio Grande/RS, começou a funcionar em 1917 com capacidade de abate de 1.000 bois por mês, empregando 1,8 mil trabalhadores. Em Rosário do Sul/RS, outra planta da *Swift* começou a funcionar em 1918, ocupando cerca de 1,5 mil trabalhadores e abatendo 600 cabeças por mês.

Embora o trabalho em matadouros na maioria das cidades brasileiras ainda fosse identificado como um tipo de serviço ruim e precário, nos lugares onde os frigoríficos estrangeiros instalaram-se a visão sobre o trabalho não se mostrava inteiramente negativa, principalmente devido ao grande número de empregos criados. Em Rosário do Sul, economia e sociedade vincularam-se fortemente à existência da multinacional, que chegou a mobilizar diretamente cerca de 20% da população da cidade por volta das décadas de 1940 e 1950. Um ex-funcionário entrevistado por Tainá Valenzuela disse que trabalhou em diversas funções naquele frigorífico desde 1948, e que a cidade viveu tempos de prosperidade até a desativação da *Swift-Armour* nos anos 1980:

Tinha cinema aquela época, tinha teatro, hoje não tem mais nada disso. [silêncio] Os clubes funcionavam todos com toda a perfeição, com todos os quadros sociais, hoje está praticamente extinto, quase, né. [Contudo, entre um lampejo e outro, o entrevistado faz referência indireta às difíceis condições vividas pelos trabalhadores] Acontecia muito dos funcionários roubarem carne só... É como está o Brasil hoje, só que eles roubavam era pra matar a fome “né” [risos].²³

Uma análise do trecho acima identifica alguma ambivalência na memória desse trabalhador que se desdobra no reconhecimento

²³ VALENZUELA, Tainá. *Swift Armour: a esperança, o progresso e a ruína. Revista O Viés*. 76ª Ed., 23 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

de uma sociabilidade perdida. Ao tempo da *Swift-Armour*, a sobrevivência era palpável e vinculada à empresa, de tal modo que a decadência do frigorífico representou igualmente a decadência da cidade. Esse vínculo possuía lastro material. Quando instalados no Brasil no início do século XX, os frigoríficos vindos de Chicago (e *Anglo* que tinha sede no Reino Unido) tentaram fixar os trabalhadores em suas plantas, oferecendo-lhes salários maiores que a média na região, pagos sem atraso, e impondo-se como principal atividade econômica e fonte de empregos nas cidades onde se alojavam.

A presença do frigorífico geralmente se tornava hegemônica na cidade onde estava instalado, convertia-se numa poderosa imagem para os trabalhadores, de tal modo que não raras vezes, sua simples existência suplantava o que havia de negativo nas relações de trabalho. Em Santana do Livramento, a planta industrial da *Armour* chegou a empregar 85% do operariado local em 1937.²⁴ Avaliando a desativação do *Anglo* em Pelotas nos anos 1980, um ex-trabalhador corroborou a dependência da cidade em relação ao frigorífico: “O que eu tenho a dizer é o seguinte: a gente lamenta muito ter fechado o Frigorífico. Empobreceu muito o bairro. Não só o bairro, como a cidade toda. Se fosse possível pedir que os ingleses voltassem a trabalhar novamente. Uma coisa impossível, mas... [risos]”.²⁵

Ter emprego com alguma estabilidade modificava a percepção de trabalhadores acostumados à sazonalidade dos serviços. A prática da rotatividade tendia a perder força, e a perspectiva de se manter ligado à mesma empresa por 20 ou 30 anos configurava-se em valor da classe. Somada ao recebimento dos salários sem atrasos, a condição operária nesses frigoríficos tornava-se uma posição a ser defendida pelos trabalhadores.

Além da regularidade dos salários, nos lugares onde não havia uma tradição de trabalho fabril (e menos ainda com o processamento de carne), os frigoríficos tentavam recrutar e mobilizar trabalhadores a partir de um repertório incomum de atrativos que previa cinema, campos de futebol e tênis, farmácia,

²⁴ ALBORNOZ, 2000, p.148.

²⁵ SILVA, 1999, p. 49.

posto de assistência médica (com sala de curativos e médico) e uma vila com casas para os trabalhadores. Na década de 1920, anos iniciais de sua operação na cidade de Barretos/SP, segundo Célia Aiélo Araújo, o *Anglo* caracterizava tais condições como vantagens e as divulgava em propaganda no jornal local.²⁶ Em Santana do Livramento, a *Armour* oferecia moradia com aluguel menor que o praticado no mercado, além de parte da alimentação, como recordou uma entrevistada que foi filha, nora e esposa de trabalhadores daquela empresa: “O leite era da companhia. Lá em cima tinha a leitaria, e eles distribuíam o leite. Mas eu acho que era descontado em folha: leite e horta. Atrás do frigorífico sempre teve horta [...] A água a gente não pagava, era tudo da companhia. E o aluguel era muito baixo”.²⁷

Nesse sentido, a constituição de vilas operárias tornou-se um elemento importante na trama das relações de trabalho. Não somente porque indicava uma prática paternalista (e despótica) sobre os trabalhadores (também tentada noutros ramos industriais) para lhes fixar aos frigoríficos de modo a evitar o absenteísmo, estabelecer laços de dívida e lealdade, enfim, para facilitar, aperfeiçoar e potencializar as relações de exploração do trabalho, o que já foi bastante discutido pela historiografia. Sua importância histórica pode ser mensurada também como o lugar onde os trabalhadores formavam vínculos de solidariedade baseados na vivência de uma condição comum e passavam a articular interesses coletivos apoiados em condições de trabalho e de vida encaradas como direitos.

Assim, as casas pertencentes aos frigoríficos tornaram-se, ao longo do tempo, alvo da reivindicação dos trabalhadores. Inicialmente disponibilizada como ingrediente do paternalismo patronal, a casa da empresa tendeu a ser incorporada ao universo dos trabalhadores como um direito, uma espécie de compensação ao trabalho duro realizado nos frigoríficos.

²⁶ ARAÚJO, Célia R.A. *Perfil dos Operários do Frigorífico Anglo de Barretos – 1927/1935*. 114f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 61.

²⁷ ALBORNOZ, 2000, p. 105.

Ao acreditarem na ideia da posse e defenderem o direito a casa, os trabalhadores invertiam o paternalismo patronal, principalmente quando os frigoríficos encerravam suas atividades, vendiam suas instalações ou desativavam as casas de sua propriedade. Além disso, as vilas certamente permitiram um tipo de entrosamento útil à construção de greves como a que aconteceu em 1931, no *Anglo* de Barretos, inicialmente contrária à substituição de brasileiros por imigrantes que aceitavam salários menores (particularmente lituanos). Recordando aquele ano de 1931, o militante comunista Irineu Moraes disse que a greve foi organizada sem preparação anterior, no calor dos contatos feitos de casa em casa, seguramente facilitada pela vila operária.²⁸

Todavia, o fato de serem vizinhos não forjava automaticamente uma identidade de classe. Muitas vezes, a origem diversa dos trabalhadores bloqueava contatos e relações densas de longo prazo, a exemplo do que aconteceu nos EUA durante as primeiras décadas do século XX. Tais fronteiras existiam principalmente entre brancos e negros, entre brancos nacionais e brancos estrangeiros, entre trabalhadores de religiões e igrejas rivais, e entre trabalhadores de filiação ou orientação política conflitantes. Uma radiografia dessa classe durante uma greve revela as arestas que delimitavam tais distâncias, como foi o caso de 1931, cujo resultado visível nos quatro anos seguintes mostrou nítido declínio na contratação de estrangeiros para o frigorífico. Entre 1927 e 1931, foram contratados 650 brasileiros e 228 estrangeiros, sendo 82 lituanos, 54 alemães, 41 sírios, 40 iugoslavos, 26 poloneses, 23 austríacos e 22 russos, totalizando 288 estrangeiros. Terminada a greve, entre 1932 e 1935 ingressaram 229 brasileiros e minguados 62 estrangeiros.²⁹ Além disso, a atuação da polícia política do governo Vargas no período indica que sua rede de informantes alcançava também os trabalhadores do *Anglo* e da vila operária,

²⁸ ARAÚJO, 2002, p. 98-99.

²⁹ Informações organizadas com base em tabela construída por Célia Araújo (ARAÚJO, 2002, p.88).

sinal de que a anatomia política daquela classe comportava tanto comunistas quanto alcaguetes.³⁰

Ainda sobre a greve de 1931, ressalte-se que a organização por local de trabalho serviu como uma estrutura eficiente na mobilização dos trabalhadores e na negociação de sua pauta. Junto ao motivo que detonou a greve, a comissão negociadora reivindicou “aumento de salários, oito horas de trabalho diário e remuneração extra pelo serviço noturno”.³¹ Não obstante a demissão das lideranças da greve, a organização sindical naquele frigorífico daria mostras de amadurecimento três anos depois, com uma greve de seis dias em solidariedade aos ferroviários, tipificada pelo DEOPS como manietada e insuflada pelos remanescentes do Partido Socialista.³² Na pauta, exigiam também liberdade sindical para criar e manter entidades sem a intervenção do Estado.

Em sentido mais geral, as greves dos magarefes são pontos históricos importantes para avaliar as distâncias políticas entre a autoimagem que projetavam os frigoríficos, a penetração da agitação ideológica nacional dos comunistas e os passos que os trabalhadores se dispunham a dar sob os diversos riscos que ameaçavam seus empregos. Engrenados com as expectativas de outras categorias, caminharam para a limitação da jornada trabalhada e a regulamentação do serviço noturno, incluído o aumento de salários. A rotina de trabalho não obedecia a limites legais, como lembrou uma filha de lituanos que trabalharam no *Anglo* de Barretos: “o dia começava às duas da madrugada e só terminava depois de anoitecer... meu pai vinha em casa no meio da noite dar uma olhadinha nos filhos e logo voltava para

³⁰ ZEN, Erick R.G. *O germe da revolução: a comunidade lituana sob vigilância do DEOPS, 1924-1950*. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2006, p.191.

³¹ ARAÚJO, 2002, p.100.

³² ZAMBELLO, Marco H. *Ferrovia e memória: Estudo sobre o trabalho e a categoria dos antigos ferroviários da Vila Industrial de Campinas*. 367f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 129.

o trabalho”.³³ Ritmos acelerados, longas jornadas e o manuseio sempre perigoso de facas, facões e serras tornavam os acidentes parte do cotidiano. O trabalho era bastante insalubre também em tarefas aparentemente menos difíceis e ruinosas como no setor de graxaria, onde tudo fedia, grudava, sujava e machucava. Saíam daquele setor, por exemplo, sebo e gordura, retirados e processados a partir de manipulação química corrosiva e tóxica, o que comprometia a saúde dos trabalhadores.

Retomando a experiência estadunidense, cabe sublinhar que o aprofundamento da divisão do trabalho na linha de desmontagem que constituía os matadouros ampliou a participação dos trabalhadores imigrantes, com pouca qualificação, frente aos trabalhadores nativos qualificados. Não precisou muito tempo para que esse ataque patronal conseguisse elevar a taxa de abate por hora em 50%.³⁴ Ademais, essa provisão de trabalhadores da Europa garantiu um exército industrial de reserva bastante funcional e mais do que suficiente para manter os salários baixos e hierarquizados entre nativos e estrangeiros. No final da década de 1910, enquanto um nativo branco recebia entre 2,20 e 2,30 dólares por dia trabalhado, um trabalhador negro recebia no máximo 2,07 dólares, e os poloneses e lituanos não ultrapassavam 1,79 dólares.³⁵

Assim, entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, a formação de uma indústria oligopólica construiu para si uma força de trabalho com pouca ou nenhuma qualificação, composta majoritariamente de imigrantes europeus empobrecidos e inseguros.

Essa periodização parece ser consensual na visão acadêmica estadunidense. Ao longo dessas décadas, o ofício de açougueiro foi duramente atacado pela distribuição da carne no comércio varejista em todo o país e por uma reestruturação no processo de produção da carne, simplificado que foi para uma linha de desmontagem que inspirou Henry Ford a organizar uma linha de

³³ ARAÚJO, 2002, p.72.

³⁴ ARAÚJO, 2002, p. 72.

³⁵ BARRETT, 1990, p. 46.

montagem pela primeira vez, em 1913: “Tratava-se da montagem de magnetos. [...] Creio que esta estrada [linha] móvel foi a primeira que já se construiu com êste fim. Veio-me a idéia vendo o sistema de carretilhas aéreas [nórias] que usam os matadouros de Chicago”.³⁶ O trabalho, antes executado por açougueiros, foi dividido e passou a ser realizado em etapas, o que permitiu a presença em grande número de trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação, com remuneração bem inferior aos antigos açougueiros. Esse método possibilitou ainda o agigantamento dessa indústria, que saltou de 8 mil trabalhadores, em 1870, para 68 mil 30 anos depois, contadas 3 mil mulheres e 1,7 mil crianças.³⁷ Em 1925, essa força de trabalho foi estimada em 125 mil³⁸ e a partir de então ela cresceria ininterruptamente até os anos 1960, concentrada em grandes centros como Chicago. Cumpre destacar que poucos matadouros escolheram cidades do interior. Aqueles que o fizeram provavelmente objetivavam influenciar e dominar a economia local, a exemplo da *George A. Hormel & Company* que, nos anos 1930, empregava cerca de 2 mil trabalhadores na cidade de Austin/Minnesota, com 15 mil habitantes à época, o que certamente formatava as oportunidades de seus habitantes.

Enfraquecidos politicamente, os trabalhadores viram-se expostos a ritmos e condições de trabalho intoleráveis. Um trabalhador descreveu seu setor nos anos 1920 como um “inferno gelado”: “Se você trabalha no abate, é mais quente do que o inferno, e se você trabalha nas câmaras, é mais gelado do que o diabo”.³⁹ Outros se queixavam das frequentes quedas devido ao gelo e à gordura. Tentava-se espantar o frio cobrindo-se com jornal por baixo das roupas, envolvendo as pernas com sacos de juta e vestindo casacos pesados sob os uniformes ou jalecos

³⁶ FORD, Henry. *Os princípios da prosperidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1964, p. 65-66.

³⁷ STULL, D. D.; BROADWAY, M. J. *Slaughterhouse Blues: The Meat and Poultry Industry in North America*. Belmont, CA: Thomson/Wadsworth, 2004, p. 33-34.

³⁸ HOROWITZ, 1997, p. 17.

³⁹ HOROWITZ, 1997, p.21.

improvisados. O mau cheiro decorrente daquele trabalho nunca abandonava os trabalhadores. Um deles se lembrou que “Você podia lavar as mãos quatro vezes e você chegava em casa, sua mulher e filhos diziam: pai, você não se lavou?”.⁴⁰

No plano da organização política dos trabalhadores, o sindicato não foi o recurso inicial para lidar com uma indústria que já se mostrava oligopolizada. Os contratos de trabalho, muitas vezes informais, geralmente eram negociados pelos próprios trabalhadores mobilizados por local de trabalho. Nos anos 1910 e 1920, negros e imigrantes europeus com pouco ou nenhum domínio da língua constituíram um numeroso exército industrial de reserva que enchia os portões dos grandes abatedouros estadunidenses, sendo facilmente recrutado. Com tantos trabalhadores buscando serviço, a produção *per capita* era negociada dia a dia. O pagamento seguia a mesma lógica e oscilava dentro de uma escala de vinte taxas diferentes, variando de 16,5 a 50 centavos de dólares por hora.⁴¹

Essas oscilações podem ser explicadas a partir do sindicalismo praticado nos Estados Unidos, onde as negociações entabuladas entre empregados e empregadores definem as relações de trabalho.⁴² Questões como o salário, a jornada, horas extras, ritmo de produção, pensão, férias, estabilidade no emprego e demais direitos ligados ao trabalho eram (e continuam sendo) estabelecidas em acordos coletivos cuja efetivação deveria ser fiscalizada pelo Estado. Foi em 1935, na trilha do colapso de 1929, que o Congresso Nacional aprovou o *National Labour Relations Act* (NLRA), que buscava garantir negociações coletivas, arbítrio legal sobre conflitos trabalhistas e a existência de sindicatos independentes.⁴³ Este último pilar do NLRA mostrou-se útil para

⁴⁰ HOROWITZ, 1997, p. 22.

⁴¹ PACYGA, 2008, p. 156.

⁴² GUÉRIN, Daniel. *Movimiento Obrero Norteamericano (1890-1959)*. Buenos Aires: Ceal, 1974.

⁴³ Cf. USA. National Labor Relations Act. Disponível em: <<https://www.nlrb.gov/national-labor-relations-act>>. Acesso em: 11 set. 2009; DANNIN, Ellen. *Taking back the workers' Law: How to fight the assault on labor rights*. Ihtaca/

o fortalecimento das lutas nos frigoríficos que haviam pontuado os anos 1910 e 1920 e ajudou na criação e atuação de sindicatos específicos da categoria com alguma projeção nacional, como a *United Packinghouse Workers* (UPWA) e a *Amalgamated Meat Cutters* (AMC), os dois principais sindicatos do ramo. Conforme recordou Herbert March, um trabalhador comunista, o NLRA não eliminou as práticas antissindicais do patronato, mas teve “o efeito de estimular a organização dos trabalhadores”.⁴⁴

A principal dificuldade enfrentada pelos sindicatos era a organização de trabalhadores com tantas diferenças culturais e temor de perderem o emprego. Isso mudou nos anos 1930. Primeiramente, pode-se inferir que o crescimento da indústria da carne (salientado anteriormente) fez-se apoiado em numerosa força de trabalho com pouca ou nenhuma qualificação, unida ao longo do tempo por uma experiência comum de exploração e de subalternização nos matadouros. Pensada como uma pirâmide, a base dessa força de trabalho (especialmente estrangeiros e negros) forjou laços de identificação e de solidariedade suficientemente sólidos para nutrir ações políticas em torno da valorização de seu trabalho. Numa passagem emblemática foi o que esclareceu um dos entrevistados do “United Packinghouse Workers of America Oral History Project”, que trabalhou numa planta da *Swift* até 1926:

Íamos para processar a carne de manhã e abater no período da tarde, cortando a carne, transformando-a em lombos e costeletas de porco, e tudo assim, na parte da manhã. E na parte da tarde

New York: ILR Press/Cornell University Press, 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2011. Toda a argumentação aqui apresentada sobre esse assunto restringe-se às experiências dos trabalhadores nos frigoríficos e, portanto, à organização política e sindical neste segmento. Não se tem a pretensão de avaliar o estado da arte da historiografia do trabalho e das relações sindicais nos Estados Unidos.

⁴⁴ BALANOFF, Elizabeth. *Oral History Project in Labor History*. Entrevista com Herbert March, em 16 de novembro de 1970. Disponível em: <<http://www.rosevelt.edu/Library/Locations/UniversityArchives/OralHistory>>. Acesso em: 9 set. 2011, p. 36.

era o abate. Havia muitos trabalhadores poloneses e trabalhadores negros. Tivemos uma estreita relação de trabalho – por mais estranho que possa parecer – uma união. Negros e brancos eram exploradas na indústria de processamento por muitos, muitos anos, mas havia uma sensação inata de que um era o suporte do outro. Trabalhadores poloneses naquele tempo não tinham ressentimentos dos negros.⁴⁵

O trecho gravado nos anos 1980, certamente carrega a intencionalidade de um trabalhador negro militante que apostou parte considerável de sua vida na estruturação de um sindicato inter-racial. Por esse motivo, sua visão pode ter minimizado a discriminação racial presente também nos frigoríficos.⁴⁶ Além disso, é de se esperar que a memória de um sindicalista destacasse o protagonismo do sindicato na mobilização dos trabalhadores (o que ele fez no restante da entrevista).

Contudo, feitas essas ressalvas, o que sobressai em seu discurso é o peso conferido às condições de exploração do trabalho partilhadas entre brancos estrangeiros e negros, e que parecem ter fermentado uma atmosfera favorável ao enfrentamento das políticas dos frigoríficos e à recepção dos sindicatos. A política das empresas voltada para conseguir a lealdade de seus empregados pode ser interpretada como um sinal consistente de que os trabalhadores estavam se juntando e ligando-se aos sindicatos ao longo dos anos 1930 e 1940. Tal política envolvia férias, proteção parcial contra o desemprego, um plano de pensão no caso da *Swift*, programas sociais, recreação

⁴⁵ HALPERN, Rick; HOROWITZ, Roger. *Meatpackers. An Oral History of Black Packinhouse Workers and Their Struggle for Racial and Economic Equality*. New York: Monthly Review Press, 1999, p. 33.

⁴⁶ A esse respeito, é preciso lembrar que a Rebelião Racial de 1919 em Chicago envolveu principalmente trabalhadores dos matadouros, com um saldo de cinco dias de conflito ininterrupto, 23 negros e 15 brancos mortos, centenas de residências incendiadas e perto de 500 pessoas com ferimentos graves. Cf. TUTTLE, William M. *Race Riot: Chicago in the Red Summer of 1919*. 2 ed. University of Illinois Press, 1996. Disponível em: <[http:// books.google.com.br](http://books.google.com.br)>. Acesso em: 5 jul. 2011.

e outras medidas dirigidas para reduzir a rotatividade e reforçar a confiança dos trabalhadores nos frigoríficos.⁴⁷

Desde cedo, a numerosa força de trabalho ocupada nos frigoríficos chamou a atenção de grupos militantes de esquerda. A *Trotskyist Communist League*, dissidência do Partido Comunista, cuja atuação foi intensa nos anos 30, esteve presente na organização de greves, na criação de sindicatos e nas tentativas de superar as divisões entre os trabalhadores dos frigoríficos, particularmente na planta da *Hormel*, em Austin, onde havia uma intervenção mais sistemática. O mesmo aconteceu com os demais comunistas. O repertório político contrário ao imperialismo era hábil em relacionar e esclarecer a responsabilidade do capitalismo sobre a exploração do trabalho e a condição operária miserável, elaborando explicações coerentes e bastante fundamentadas política e economicamente. De algum modo, essa militância internacionalista ajudou a mitigar as distâncias forjadas pelas diferenças étnicas, mas não era suficientemente efetiva numa via sindical menos revolucionária que pusesse dinheiro nos bolsos dos operários e arrancasse direitos ligados ao trabalho (mesmo que em caráter provisório). Em grande medida, isso esclarece por que tais organizações de esquerda não chegaram a ser uma força dominante.

A solidariedade entre os trabalhadores formou-se também, em boa parte, fora dos matadouros, nos bairros onde conviviam as comunidades estrangeiras, a negra e a branca, ao fundo dos currais que abasteciam os frigoríficos de Chicago. Como avalia James Barret, tais divisões étnicas eram reais, mas os trabalhadores encontraram um “chão comum” (em duplo sentido), em que desenvolveram laços de sociabilidade e processaram as experiências (geralmente ruins) do trabalho nos frigoríficos.⁴⁸ Juntar-se também passou a ser visto como o derradeiro recurso para lidar com as condições de trabalho insalubres e o ritmo veloz da produção.

No contexto dos anos 1930, em plena depressão econômica, a ação coletiva mostrou-se uma forma eficiente para enfrentar e

⁴⁷ HOROWITZ, 1997, p. 26.

⁴⁸ BARRETT, 1990, p. 65.

sobreviver àqueles problemas, embora as empresas avançassem contra todos os limites dos trabalhadores. Entre 1928 e 1933, por exemplo, os salários semanais pagos às mulheres caíram de 33 para 20 dólares de modo geral. O ritmo do trabalho e a má ventilação nos abatedouros causaram a morte de muitos trabalhadores, e quando alguém reclamava, era ameaçado de demissão. Herbert March lembrou que durante a depressão, o domínio dos encarregados pela produção incluía abusos e maus tratos de todo tipo que tendiam a ser tolerados mediante o medo de perder o emprego. Ele contou que às vezes, quando as pessoas feriam-se, de modo que o trabalho não fosse completamente impedido tinham medo de denunciar a lesão. Tinham medo de que o encarregado as demitisse e fizesse algum registro em suas fichas. Então, permaneciam trabalhando, mesmo com pequenos cortes e lesões.⁴⁹

Essa conjuntura motivou Bertolt Brecht a escrever uma peça entre 1929 e 1931 sobre os magarefes de Chicago e a crise do capitalismo vista por uma ótica marxista. Informado sobre o oligopólio da carne nos Estados Unidos, Brecht dramatizou a vida dos trabalhadores em meio à exploração do trabalho e à superprodução que causara a desmobilização de braços. Em passagem ambientada entre um grupo de desempregados a se servirem de sopa caritativa, um trabalhador chega esbaforido e anuncia: “Vagou um emprego! Um emprego com salário. Na fábrica número cinco! É um emprego de merda. Corram!”.⁵⁰ A consciência expressa pela personagem exprimia a tragédia da crise: emprego ruim, escasso, indiferente quanto à empresa, e mesmo assim uma opção considerada imperdível (e única) para quem não compreendia a natureza daquela crise. Premidos pelo desespero, ainda tinham que lidar com explicações conformistas e espetaculares: “Eu vou explicar [disse Joana, a líder dos ‘Boinas Pretas’]. A sua pobreza não reside na falta de bens terrenos – estes não dão mesmo para todos –, mas na sua falta de espiritualidade.

⁴⁹ BALANOFF, 1970, p. 53.

⁵⁰ BRECHT, Bertolt. *A Santa Joana dos Matadouros*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 32.

É por isto que vocês são pobres”.⁵¹ Embora a solução de Brecht para esse drama previsse que os trabalhadores se organizassem contra o capitalismo, a resposta real parecia menos ousada, mensurando a pressão que a própria crise exercia sobre eles. Um emprego, mesmo ruim, era precioso para cruzar uma tormenta que não se sabia ser definitiva ou passageira.

No caso brasileiro, analisados em sua trajetória, os trabalhadores mantiveram um sentimento ambivalente face aos frigoríficos. Por um lado, afirmavam positivamente o que se interpretava como vantagem, uma vez lá empregado. Sobre isso, Neuza Janke da Silva assinalou depoimentos de ex-trabalhadores que avaliaram suas experiências entre os anos 1940 e 1970: “Era muito bom trabalhar no Frigorífico. Eles eram muito justos. Um minuto trabalhado a mais, era um minuto pago a mais. Todos os nossos direitos eram respeitados. E, em dia. Sempre o pagamento em dia”.⁵²

Por outro lado, queixavam-se do que faziam, realçando as dificuldades e contratempos no trabalho de modo a justificar e legitimar suas reivindicações, inclusive a própria greve. Em 1958, já sob o abrigo de um sindicato e na atmosfera do regime democrático após o final do Estado Novo, os trabalhadores do *Anglo* de Pelotas realizaram uma greve para reclamar aumento de salários. O movimento foi precedido de tentativas de negociação (sem êxito) e ajuizamento legal do litígio em tempo, conforme previsto na CLT. Resistiram à pressão do DEOPS, respondendo publicamente em jornal que havia arcabouço legal para conduzir e dirimir o reclame dos trabalhadores que, ademais, permaneciam parados e pacíficos, sem conjunções políticas que requeressem ou justificassem a presença da polícia política. Com oito dias de paralisação, trabalhadores e frigorífico celebraram termo sobre acordo de dissídio coletivo em 25% de aumento salarial e garantias adicionais que impediam demissões e corte dos dias parados, embora o frigorífico (provavelmente como retaliação) tenha aumentado o preço da carne um mês depois.⁵³

⁵¹ BRECHT, 1996, p. 31.

⁵² SILVA, 1999, p. 113.

⁵³ SILVA, 1999, p. 118-120.

Enfim, esse sentimento ambivalente de muitos trabalhadores pode ser lido como o reconhecimento de um mercado de trabalho hostil, caracterizado pelo despotismo patronal, pelo esforço disciplinante do Estado e por uma parca gama de direitos – nem sempre respeitados.

A mudança na estrutura sindical e trabalhista efetuada durante os anos 1930 (que redundou na Consolidação das Leis Trabalhistas em 1943) não apontou para a mesma direção do *National Labour Relations Act* norte-americano de 1935, cuja diretriz facultava aos trabalhadores a escolha e a criação de sindicatos e estabelecia os acordos coletivos negociados como determinantes da relação de trabalho.

Diferente disso, a CLT tentou subordinar a existência dos sindicatos aos critérios do Estado, limitar os conflitos ao crivo da Justiça do Trabalho e definir direitos mínimos ligados ao trabalho. Comparando os dois sistemas, John French assinalou que nos Estados Unidos prevalecia a tendência de a lei prometer 20% de melhoria e satisfazer 80% do pleiteado pelos trabalhadores, enquanto no Brasil, a CLT prometia 80% de melhoria mas só entregava 20%.⁵⁴ De fato, nenhum dos sistemas cancelou a necessidade de os trabalhadores lutarem para afirmar direitos, fosse em acordos coletivos ou na letra de lei maior. Mas na experiência de quem trabalhava nos frigoríficos no Brasil, os direitos validados em âmbito nacional fizeram alguma diferença à medida que em grande parte do país e dos ramos produtivos, a sonegação patronal era prática corrente.

Para a realidade brasileira, o significado atribuído pelos trabalhadores ao emprego nos frigoríficos tendia a ser formado em relação direta ao mercado de trabalho local ao invés de terem as condições de trabalho e os salários cotejados nacionalmente. Um mesmo frigorífico podia desenvolver políticas diferentes para lugares onde as condições de recrutagem e de manutenção da força de trabalho fossem distintas. Assim, o *Anglo* de Pelotas não dispunha de habitação para os trabalhadores, enquanto em Barretos havia moradia (embora não fosse para todos) e os salários eram ligeiramente melhores.

⁵⁴ FRENCH, John D. *Afogados em Leis: A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001, p. 26-27.

Nesse contexto, os trabalhadores geralmente codificavam as supostas vantagens e desvantagens de sua ocupação, referindo-se aos empregos disponíveis na cidade e na região, ou ainda analisando negativamente o que deixaram para trás (eles próprios ou seus pais) quando migraram do nordeste ou emigraram de países europeus. Enfim, quando aqueles trabalhadores faziam tantas comparações, a posição conseguida nos frigoríficos não se mostrava o pior dos mundos para quem não possuía melhor qualificação para se ocupar como operário qualificado ou contramestre em indústrias mais afamadas.

De volta à realidade estadunidense, no contexto dos 40 anos seguintes, o mercado para carne expandiu-se dentro e fora do país. O faturamento dos frigoríficos permitiu ao patronato aplicar uma política de empregos e de salários considerada razoável pelos sindicatos, o que contribuiu para estabilizar o mercado de trabalho.

Aquele foi um período em que proliferaram acordos de envergadura progressivamente nacional, com cláusulas sociais inéditas que estabeleciam aposentadoria, estabilidade no emprego e algum controle sobre o processo de produção – especialmente sobre a velocidade do trabalho. Quanto à força dos trabalhadores, pode-se medi-la especialmente pelas taxas de sindicalização que cresceram no período de 1930 a 1960, atingindo seu auge no início dos anos 1960, quando cerca de 90% dos trabalhadores do ramo eram sindicalizados, situação que lhes possibilitava negociações razoáveis em relação aos salários e às condições de trabalho.⁵⁵ Sobre a mudança na condição operária norte-americana em geral, Michael Burawoy observou que

as legislações trabalhistas e sociais ofereciam [no pós-guerra], ainda que limitadamente, aquilo que os operários mais queriam: segurança. A legislação social, especialmente a indenização por dispensa – embora reduzida, se comparada com o que ofereciam

⁵⁵ FITZGERALD, Amy J. A Social History of the Slaughterhouse: From Inception to Contemporary Implications. *Human Ecology Review*. v. 17, n. 1, p. 58-69, 2010. Disponível em: <<http://www.humanecologyreview.org/>>. Acesso em: 9 jul. 2011, p. 60-61.

outros países –, significava que os trabalhadores não tinham mais que suportar as práticas arbitrárias de emprego.⁵⁶

Ao longo do período de 1940 a 1970, a média salarial de trabalhadores empregados em frigoríficos nos Estados Unidos manteve-se 20% superior à média salarial do setor industrial⁵⁷ e o regime de trabalho raras vezes recuou aos parâmetros verificados por Upton Sinclair em 1906. Localizar-se acima da média salarial registrada nas indústrias não representava o maior salário (que geralmente era pago no setor automobilístico e de produção de bens duráveis), mas significava uma boa posição relativamente a uma série de outros empregos cujas exigências de qualificação frequentemente eram maiores. A expansão dessa indústria constituiu uma das categorias mais numerosas do operariado norte-americano e isso se traduziu em força sindical.

Além do salário, os trabalhadores conseguiram impor limites à velocidade da produção, restringindo o controle e a pressão dos gerentes de linha. O processamento da carne tornou-se, cada vez mais, um trabalho basicamente manual, intenso e realizado com facas. As inovações tecnológicas introduzidas incidiram sobre as tarefas que exigiam trabalho qualificado, como o abate e o processamento inicial (em que trabalhavam açougueiros com os maiores salários). Apesar de tais mudanças, nos anos 1960, a percepção dos trabalhadores da *Armour* era de que “se podia realizar o trabalho sem que ele o matasse”.⁵⁸

Em resumo, muitos estudiosos reconheceram que o *welfare state* americano alcançara igualmente aqueles trabalhadores, embora o trabalho em frigoríficos permanecera sendo visto como um serviço pesado e sujo. Com sindicatos fortes, tornou-se

⁵⁶ BURAWOY, Michael. A transformação dos regimes fabris no capitalismo avançado. *RBCS*, n. 13, ano 5, Anpocs, Jun. 1990, p. 43.

⁵⁷ HALL, Bob. The Kill Line. Facts of Life, Proposals for Change. In: STULL, D.; BROADWAY, M.; CRIFFITH, D. (Org.). *Any Way You Cut It*. Meat Processing and Small-Town America. Lawrence, Kansas: University Press Kansas, 1995, p. 213-230.

⁵⁸ HOROWITZ, 1997, p. 245.

corriqueiro que homens e mulheres trabalhassem 20 a 30 anos em frigoríficos e lá se aposentassem, amealhando uma casa própria, respeito na comunidade onde moravam, além de ajudarem (muitas vezes financiando inteiramente) os filhos a concluírem a universidade. Enfim, igualmente à experiência brasileira, quem trabalhava nos frigoríficos partilhava um sentimento de que sua vida havia melhorado.

3. Síntese comparativa para uma conclusão

Realizadas as comparações possibilitadas pelo estudo bibliográfico, pode-se agora destacar e refinar os traços mais relevantes da trajetória do trabalho nos frigoríficos nesses dois países.

Primeiramente, ressalte-se que a linha de desmontagem de bois e porcos, organizada por volta da década de 1860 nos EUA, foi fundamental para disciplinar um tipo de trabalho dividido, de fácil aprendizado, e com poucas funções preenchidas por trabalhadores qualificados. Foi esse mesmo método que estruturou os primeiros frigoríficos no Brasil e criou alguma facilidade para aproveitar trabalhadores egressos das charqueadas ou desocupados temporários com pouca ou nenhuma qualificação.

Esse processo evidenciou e reforçou ainda a teoria leninista sobre um tipo de expansão das relações de produção capitalista operada por meio da exportação de capital, principalmente a exportação de meios de produção. A constituição de um oligopólio da carne no contexto histórico aqui discutido certamente articulou os Estados Unidos e Brasil numa dimensão ainda pouco percebida e estudada. O cotejo acerca das condições salariais e dos direitos ligados ao trabalho indica uma hipótese bastante viável sobre ter sido o trabalho nos frigoríficos no Brasil um elemento de pressão para rebaixar ou estabilizar salários e relações de trabalho nos frigoríficos nos Estados Unidos.

Naquele país, um enorme excedente de braços formado por imigrantes pobres favoreceu inicialmente práticas patronais arbitrárias e uma política de salários rebaixados. No arrepio dessas práticas, as condições adversas de trabalho e o convívio forçado entre

trabalhadores de origens étnicas e culturais diferentes tornaram-se elementos importantes na articulação sindical dentro e fora dos frigoríficos, facilitada ainda pela mudança na legislação sindical norte-americana operada no governo de F. Roosevelt, em 1935, que pressionou em favor das negociações coletivas, da legalização das relações de trabalho e da existência de sindicatos. Embora sem gozar de prestígio social, o trabalho em frigoríficos atingiu uma remuneração acima da média da indústria norte-americana e tornou-se objeto de certo controle dos sindicatos prescrito em acordos coletivos – cuja extensão é difícil avaliar. De modo geral, pode-se considerar verdadeira a hipótese de que, naquele período, os trabalhadores conseguiram impor determinadas condições à exploração do trabalho pelo oligopólio da carne.

No caso brasileiro, não encontramos registros sobre uma organização sindical de igual intensidade e força durante o mesmo período. Ajuda a explicar isso a visão, não raras vezes positiva, sobre o emprego (e não o trabalho) em frigoríficos. Como argumentei anteriormente, o pagamento sem atrasos, a moradia de baixo aluguel, assistência médica e outros direitos dificilmente encontrados fora dali, conferiam os contornos dessa imagem otimista. Como tentei evidenciar, esse tipo de emprego tornava-se bastante sedutor, principalmente em contextos de regiões onde predominavam ocupações sazonais.

As práticas arbitrárias no contexto brasileiro deram-se dentro de um tipo de regime de trabalho paternalista cujas condições eram percebidas como importantes pelos trabalhadores. No contexto de economias regionais, onde os frigoríficos fincaram sede, o emprego nessa indústria era avaliado como uma boa possibilidade de sustentar a família e de conseguir a casa própria. Isso não significa que os trabalhadores eram dóceis ou conformistas, apenas que não produziram, naquele período, aparatos sindicais como nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, isso não os impediu de realizarem greves e de demonstrarem alguma habilidade política quando precisavam manobrar nos limites do paternalismo patronal e da legislação trabalhista construída desde os anos 1930.

A par desse contexto e olhando noutra direção, pode-se enxergar a composição da força de trabalho como uma chave

analítica ímpar para explicar o sucesso e o agigantamento da indústria da carne.

A constituição monopólica dessa indústria fez-se relativamente ao domínio das fontes de matéria-prima, ao controle das inovações tecnológicas e, obviamente, à cartelização dos preços da carne, reforçando as características mais salientes da formação do capital monopolista na perspectiva clássica e popularizada de Lênin sobre o imperialismo. A principal delas diz respeito à exportação do excedente do capital.

Raciocinando nesse sentido, foi uma parcela do faturamento das *Big Four*, sediadas nos Estados Unidos, que financiou a criação de frigoríficos no Brasil, no início do século XX. Contaram favoravelmente para isso o rebanho disponível, a ajuda do Estado e a força de trabalho acessível e barata. Esta última variável foi vista pelo capital como um excedente numérico encorajador e fundamental. Teoricamente, esses trabalhadores não aparentavam “vícios” sindicais. Além disso, eles não contavam com uma variada e farta oferta de empregos onde viviam, o que tornava seu recrutamento para os frigoríficos uma tarefa aparentemente segura para o capital. Assim, pode-se concluir que a exportação de plantas frigoríficas para o Brasil visou especialmente a força de trabalho excedente, próxima dos grandes rebanhos, o que possibilitava uma logística ideal para o processamento da carne.

No caso dos Estados Unidos, a população excedente recrutada para os frigoríficos, a exemplo do lituano Jurgis, era majoritariamente estrangeira. Estima-se que, na virada do século XIX para o século XX, 9 milhões de imigrantes entraram nos Estados Unidos. Considerados redundantes pelo capital na Europa, eles foram exportados como mercadoria a ser empregada – ou mobilizada – no desenvolvimento do capitalismo norte-americano. Compulsoriamente, formaram um excedente funcional às características de indústrias que se agigantaram e acumularam capital em escala geométrica. Como antes notara Marx, o movimento da demanda e oferta de trabalho tende a complementar e reforçar o “despotismo do capital”.⁵⁹

⁵⁹ MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1, v. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 206.

Mais perto desse contexto que Marx, Lênin verificou como os trabalhadores foram tomados como uma mercadoria bastante portátil e estratificada. Com referência na primeira década do século XX, Lênin notou que o imperialismo tendia a cindir os operários em categorias econômicas e socialmente segmentadas, diferenciando-os e distanciando-os de modo a dificultar sua identificação como uma classe. Upton Sinclair mencionou perifericamente essa questão, e James Barrett salientou como as etnias e nacionalidades serviam, muitas vezes, para hierarquizar internamente a classe trabalhadora em favor da indústria da carne há 100 anos. Também a esse respeito, Lênin destacou que nos “Estados Unidos, os emigrantes da Europa Oriental e Meridional ocupam os empregos mais mal pagos”, enquanto “os operários americanos fornecem a mais forte porcentagem dos capatazes e dos operários que executam os trabalhos melhor remunerados”.⁶⁰

Finalmente, cabe salientar que, em tempos atuais, esse recurso ainda figura como principal meio de baratear os custos de produção e de aliviar as tensões entre trabalho e capital. Nos Estados Unidos, os frigoríficos (especialmente os abatedouros de aves) têm funcionado basicamente com trabalhadores imigrantes (ou descendentes), legais e clandestinos, que têm suas identidades étnicas e nacionais manejadas de forma a constituírem uma hierarquia com estratificações bastante definidas. Broadway e Stull ressaltaram essa dimensão da indústria da carne nos Estados Unidos na década de 1990 e início da década de 2000, mostrando como é que o rebaixamento de salários e a intensificação do trabalho foram acompanhados pelo crescimento da população hispânica e asiática na linha de corte da carne. Numa escala estatística rudimentar, eles perceberam a presença majoritária de mexicanos e porto-riquenhos, seguidos de asiáticos, ocupando as funções produtivas mais degradadas e recebendo os piores salários nos frigoríficos. Na sequência, apareciam nativos negros. Por último, melhor posicionados, os nativos brancos preenchem os postos de direção e de gerenciamento da produção.⁶¹

⁶⁰ LÊNIN, V.I. *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987, p. 105.

⁶¹ STULL; BROADWAY, 2004.

No Brasil, algo semelhante nos frigoríficos de frango nos últimos anos foi observado. Na região do extremo Oeste (Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul), em função da escassez da força de trabalho residente nos locais que sediam frigoríficos de aves (porque resistente a se empregar na linha de corte da carne devido à degradação do trabalho), tem-se importado excedente de outros países, como o Haiti e Bangladesh, além do uso de trabalhadores indígenas. Haitianos e bengaleses figuram na linha de produção ao lado de brasileiros recrutados de fora da cidade onde a respectiva planta produtiva funciona. Os postos de comando e de fiscalização são geralmente ocupados pelos nativos residentes na cidade. É uma distribuição demográfica interessante, tanto quanto perversa, que segmenta os trabalhadores e que precisa ser melhor investigada, embora certamente guarde relação com as características do imperialismo sublinhadas por Lênin.

Desse modo, pode-se depreender do imperialismo (abordado como chave analítica) que a expansão e o sucesso da indústria da carne têm se apoiado de maneira fundamental nas vantagens de explorar uma força de trabalho barata e farta. O que requer investigação mais aprofundada e detalhada diz respeito aos mecanismos históricos de exploração desses trabalhadores e as formas de organização política e de resistência forjadas em meio a condições tão inóspitas, particularmente no tempo presente.

Por fim, o que aconteceu depois do período aqui investigado que fez com que as condições de trabalho e os salários nos frigoríficos recuassem aos patamares do início do século XX torna a história das gerações de trabalhadores aqui sumariada ainda mais relevante. Fica evidente que a taxa de lucro estabilizada pelo oligopólio das *Big Four* (antes *Big Five*) foi comprimida pela atuação de empresas emergentes cuja concorrência tornou ineficiente o modelo de produção baseado em rebanhos próprios e relações de trabalho que interagem com fortes sindicatos. No caso brasileiro, a perda de força do antigo truste da carne (principalmente *Swift/Armour*) implicou o fechamento de plantas ou sua venda para outras companhias. Por volta dos anos 1970 e 1980, a concorrência incluía cerca de 30 diferentes empresas

no Sul do país ao invés dos principais frigoríficos oriundos de Chicago.⁶²

Nesta trilha recente, as novas empresas como *Tyson* e a *Iowa Beef Processors* (IBP) fixaram suas plantas produtivas em cidades do interior onde a tradição sindical se mostrasse rarefeita e o suprimento de rebanhos pudesse ser terceirizado e barateado.⁶³ Em cidades com populações modestas (5.000, 10.000, 15.000 habitantes) e sem alternativas de emprego, o abastecimento de força de trabalho tornou-se abundante e barato. Ao mesmo tempo, milhares de latino-americanos foram mobilizados e recrutados para trabalhar nessas plantas, sujeitando-se a baixos salários e a magros contratos de trabalho. Vê-se, por esse ângulo, que o novo modelo agiu intencionalmente para eliminar a força de trabalho sindicalizada e substituí-la por migrantes de áreas rurais e imigrantes de regiões da Ásia e da América Latina por serem (em tese) politicamente menos ativos e economicamente mais baratos.⁶⁴

O declínio no número de sindicalizados na *United Packinghouse Workers of America* oferece um parâmetro elucidativo sobre essa reestruturação em curso; seu efetivo de 103 mil em 1954 caiu para 73 mil em 1960. Contabilizando os sindicalizados nas *Big Four*, a queda foi de 59 mil em 1953 para 26 mil em 1964.⁶⁵ A média salarial que foi 20% superior à média do setor industrial regrediu igualmente, chegando a ser aproximadamente 40% menor nos anos 1990.⁶⁶

⁶² ALBORNOZ, 2000, p.129.

⁶³ Cf. FINK, Deborah. *Cutting into the Meatpacking Line: Workers and Change in the Rural Midwest*. Chapel Hill: Unccpress, 1998; STULL; BROADWAY, 2004.

⁶⁴ BROADWAY, Michael J. From City to Countryside: Recent Changes in the Structure and Location of the Meat-and Fish-Processing Industries. In: STULL, D.; BROADWAY, M.; CRIFFITH, D. (Org.). *Idem*. p. 17-40, 1995.

⁶⁵ HOROWITZ, 1997, p. 245.

⁶⁶ HALL, Bob. The Kill Line. Facts of Life, Proposals for Change. In: STULL, D.; BROADWAY, M.; CRIFFITH, D. (Org.). 1995.

Pode-se dizer ainda que a imagem do trabalhador também se deteriorou. No filme *Rocky*, ambientado no ano de 1976, há um esclarecedor diálogo entre o protagonista e seu futuro cunhado dentro de um frigorífico na Filadélfia. *Rocky* reclama do frio e diz que “isto aqui tem cheiro horrível” e que aquela câmara cheia de carcaças de bois penduradas parecia um “necrotério de bichos”. Seu cunhado diz que se *Rocky* não quitasse a dívida com um mafioso, poderia “terminar ali”, ou morto ou como empregado. Na sequência, pede a *Rocky* que o recomende ao mafioso para trabalhar como “cobrador” de dívidas: “assim eu saio deste frizer fedorento”. *Rocky* o repreende com um argumento animador: “Continue neste emprego porque aqui você já tem comida”. A rusticidade dos personagens e o grotesco da situação ganham espaço na cena seguinte, quando uma repórter entrevista *Rocky* dentro da mesma câmara fria para filmar seu método de treinamento: o espancamento de carcaças congeladas. Em suma, as tomadas do filme feitas no frigorífico amalgamam fedor, sangue, frio, pobreza, criminalidade e estupidez (o traço principal da personalidade de *Rocky*), oferecendo um quadro bastante tangível daquele universo.

Mas esse processo requer maior investigação, especialmente em escalas que ressaltem a experiência dos trabalhadores face aos estigmas e às pressões do capital. Hoje, quando ouvimos os trabalhadores, a ideia de um retorno às condições de cem anos atrás vibra fortemente, autorizando conexões entre as experiências atuais e as descrições aterrorizantes ao tempo de *The Jungle*. Pode-se até mesmo comparar o “inferno gelado” dos matadouros de Chicago com a percepção recente de uma jovem trabalhadora do Oeste do Paraná que expôs sua frustração com a indústria da carne no Brasil ao dizer: “[você] vem pensando que é uma coisa e lá é outra, a gente vai por um bom salário... você vai pra fazer isso e fazer aquilo, quando você chega lá é diferente! Eles querem desossar você em vez do frango”.⁶⁷ Fica o desafio para uma história social comparada dos trabalhadores da agroindústria.

⁶⁷ Fernanda, 29 anos, trabalhou em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista concedida a Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em fevereiro de 2011.